



A palavra como vivência e sobrevivência em Anne Frank: um caminho para simbolização

The word as experience and survival in Anne Frank: a path to symbolization

Caio Monção*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS) | Belo Horizonte, Brasil

caiomoncaopsicologo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o estatuto da palavra na vida e obra de Anne Frank, refletindo também sobre os fatores que possivelmente culminaram na importância da escrita para a jovem. Partindo da representação das palavras na vida da escritora, inicialmente no sentido geral e, posteriormente considerando as condições as quais a família Frank foi submetida e a centralidade do diário em um período significativo da vida de Anne. Assim, busca-se examinar brevemente o lugar das palavras para a garota segundo os pontos de vista histórico, religioso e psicológico, e como as palavras a acompanharam para registro de sua realidade, mas de certa maneira dando também um tipo de tratamento a ela, no sentido de mediação com seu entorno em favor do processo de simbolização e integração do Eu.

Palavras-chave: Anne Frank. Palavra. Simbolização.

Abstract: This article aims to analyze the status of words in the life and work of Anne Frank, also reflecting on the factors that possibly culminated in the importance of writing for the young woman. Starting from the representation of words in the writer's life, initially in a general sense and later considering the conditions to which the Frank family was subjected and the centrality of the diary in a significant period of Anne's life. Thus, we seek to briefly examine the place of words for the girl from historical, religious and psychological points of view, and how words accompanied her to record her reality, but in a certain way also giving her a type of treatment, in the sense of mediation with its surroundings in favor of the process of symbolization and integration of her Self.

Keywords: Anne Frank. Word. Symbolization.

Introdução

* Psicólogo, especialista em clínica psicanalítica, mestrando em psicologia pelo programa de Pós-graduação em psicologia da Puc Minas.



A consideração do *diário de Anne Frank* como documento histórico justifica sua importância ao nos atermos especificamente ao fato de que foi deixada por ela uma história que pertence a muitos, (acrescentar, geral e particular)publicá-lo demonstra uma possibilidade de, além de respeitar tal história, abrir espaço para expressão dela do ponto de vista de quem a vivenciou. Tendo isso em vista o presente trabalho objetiva analisar o lugar da palavra na vida e obra de Anne Frank, fazendo uma reflexão sobre os principais motivos que a levaram a dar tal importância às palavras e a escrita delas em seu diário entre os anos de 1942 e 1944, também buscando entender como esse processo a ajudou no apaziguamento de suas angústias em diversos momentos.

Algumas informações nos chamam a atenção sobre como o diário foi escrito. Em primeiro plano temos conhecimento, a partir da edição brasileira¹, que Anne escolheu a partir de sua comoção com essa possibilidade, ter seu testemunho sobre o sofrimento da ocupação alemã durante a guerra colhido e guardado pelo governo holandês. Ela teve contato com essa possibilidade ao escutar de Gerrit Bolkestein, do governo da Holanda, durante uma transmissão pelo rádio no ano de 1944, a informação de que seriam recolhidos relatos de sofrimento dos holandeses durante a guerra. Aqui se pode fazer uma observação interessante: a partir de então ela passa tratar essa publicação como um objetivo e fica decidida a trabalhar na edição do diário para que sua publicação aconteça. Ainda segundo o prefácio dessa edição² ela começa a reescrever e editar o diário, melhorando certas partes do texto, omitindo outras, e ainda acrescentando trechos que julgava mais interessantes na medida em que se lembrava de fatos.

Tal composição dividia espaço com a escrita do diário original, que é citado na publicação "*The Diary of Anne Frank: The Critical Edition*" (1989)³ como versão *a*, para diferenciá-lo da versão *b*, modificada. Após a prisão das pessoas escondidas no anexo, os diários de Anne foram entregues a seu pai Otto Frank depois da guerra. Ele decide fazer a vontade da filha e o publica, escolhendo materiais das versões *a* e *b* e estruturando uma versão mais curta, chamada versão *c*. Muitos são os detalhes sobre as publicações, não faremos a observação de outros desdobramentos nesse sentido. Voltemos então à escrita de Anne, que se manifesta antes de tomar conhecimento da possibilidade de divulgar sua história. Inicialmente são relatados no diário uma série de acontecimentos triviais, do dia a dia da jovem, como a relação com os colegas de escola e com a família e o dia de seu aniversário em que ganha, dentre outros

¹ O *diário de Anne Frank*, 1996

² FRANK, 1996.

³ FRANK, 1996.



presentes, o diário. O objeto logo chama sua atenção, passa a ser usado e bem valorizado por Anne, assim como demonstra em seu primeiro relato, no dia 12 de junho de 1942: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda”.⁴

Existe aqui, a partir da fala da garota, algo muito interessante e que aparece no decorrer dos relatos sendo uma tônica nos contos, histórias e desabafos de Anne. A “personificação” do diário, ela diz a ele como se fosse outra pessoa, o que parece a confortar, ainda que tal experiência seja nomeada por ela como “estranha”, pelo fato de ainda não ter escrito nada e por acreditar que ninguém nunca iria se interessar por seus escritos. Porém, o papel da escrita para Anne Frank se demonstra explicitamente em passagens como: “Tenho vontade de escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de tirar todo tipo de coisas de dentro do meu peito”.⁵ Ou como dito logo adiante: “O papel tem mais paciência do que as pessoas”⁶, percebemos que em diversas passagens são mencionadas questões pessoais, pequenos conflitos da garota e são acrescentados por ela, posteriormente, comentários em alguns dos relatos.

A escrita peculiar tem por temática sua vida, no formato de relatos datados em diário e em tom de diálogo com ele. Coloca-nos então a refletir sobre seu estilo de escrita, seria uma literatura do testemunho? Ainda que escrito enquanto os eventos aconteciam e o fato de que não tinha por objetivo em todos os relatos a exposição deles, o formato e o objetivo final a partir de determinado momento nos leva a esse caminho. Ela não se dirigia diretamente ao leitor, mas sim ao diário, Anne mantinha uma escrita constante e a partir dessas características podemos entender sua escrita sim como testemunho, a partir de seu caráter narrativo. A esse respeito temos com Sarlo⁷ uma definição de narrativa em sua discussão sobre a reflexão acerca do testemunho, nas palavras da autora:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem desperta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A narração

⁴ FRANK, 1996, p. 11.

⁵ FRANK, 1996, p. 16.

⁶ FRANK, 1996, p. 16.

⁷ SARLO, 2007.



inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.⁸

Nesse sentido, ainda que não se trate de uma escrita com o tempo verbal passado, admite o caráter vivo das experiências narradas e transmitidas pela linguagem escrita. Além disso, abarca e considera o período em que Anne, sua família e a família van Daan estavam vivendo no anexo secreto. Sendo assim, mesmo que com trechos em que era narrada sua realidade fora dali, tanto do ponto de vista temporal, por menções ao passado e ao futuro, quanto pelo fato de produzir uma escrita quase em diálogo, fica aparente a vivacidade do confinamento e todas as suas implicações que estão colocadas nos escritos.

2 Os pontos de vista religioso, histórico e cultural.

Um ponto importante em todo o contexto ao qual estamos observando a partir do diário e da relação de Anne com ele tem a ver com o entorno da garota. Não podemos nos esquecer de que a família Frank já estava sofrendo consequências do antissemitismo na Europa, no início dos registros já haviam se mudado da Alemanha por isso, e são relatados pela jovem no diário⁹ a preocupação dela com parentes que ainda estavam no país e também uma série de restrições que estavam sofrendo:

(...) os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo que fossem carros deles; os judeus deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde; os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de comparecer a teatros, cinemas ou qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de frequentar piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou qualquer outro campo de atletismo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das oito da noite; os judeus

⁸ SARLO, 2007, p. 24-25.

⁹ FRANK, 1996.



eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deviam frequentar escolas judias etc..¹⁰

O referido cenário já chama atenção por si só, a presença constante da insegurança, angustia e receios em relação ao futuro faziam a composição de um panorama enigmático e angustiante. A partir disso podemos inferir como estavam os ânimos de toda a comunidade judaica, isso fica explícito em passagens que precedem a ida da família ao esconderijo. O rosto de preocupação de Otto – como relata Anne – a logística complicada para a saída de casa e o movimento anterior, pensado previamente, da retirada e transporte de móveis tempos antes da saída das pessoas. Tudo isso convoca perguntas sobre como permanecer, apesar do sofrimento, minimamente bem, vivo e equilibrado em meio a tal contexto, com um ambiente tão desfavorável. Ao pensarmos tanto do ponto de vista macro, quanto em menor escala, no âmbito da convivência mais direta, sobretudo a partir do compartilhamento do espaço no anexo.

Voltemos às questões em relação a jovem Anne, sua relação com a leitura e com seu diário. São feitas diversas referências a livros e leituras em diferentes partes do diário, que se tornou livro¹¹. Também a estudos, os próprios e os da irmã Margot, definida por ela como alguém inteligente, leituras da irmã também são relatadas e os livros parecem ser objetos comuns para a família. No seu aniversário em 1942, Anne conta ao diário que também ganhou um livro de presente e como ele era repetido ela o trocou por outro, demonstrando que o incentivo a leitura existia na família. Assim percebemos que muito provavelmente o ambiente da garota a incentivava e estimulava em relação à leitura, isso é expresso em trechos como:

Papai esvaziou uma caixa de arquivo para Margot e eu, encheu-a com fichas em branco de um dos lados. É para servir como nosso arquivo de leituras, onde Margot e eu devemos anotar os livros que lemos, o autor e a data. Aprendi duas palavras novas: bordel e coquete. Eu trouxe um caderno separado para palavras novas.¹²

Cabe salientar que isso não basta para que se produza uma escritora, nem alguém que se interesse por narrativas e por narrar. O que a interessou? Esse ponto se aproxima novamente de nossa questão de inicial, a saber, de que modo as palavras e

¹⁰ FRANK, 1996, p. 17-18.

¹¹FRANK, 1996.

¹² FRANK, 1996, p. 89.



o dizer delas, principalmente por escrito auxiliaram Anne em suas vivências dentro e fora do anexo.

Em relação à leitura, como percebemos nos trechos mencionados, essa atividade era estimulada pelos pais em relação às irmãs. Ao pensarmos para além da cultura da leitura na família, podemos direcionar a atenção a essa atividade ligada a religião. Sabemos da importância da vivência em comunidade e da atividade de leitura no judaísmo, além disso, a importância do compartilhamento das construções feitas a partir das leituras, isso aparece explicitamente na elaboração do Talmude por exemplo. Talvez tenhamos como maior representante e figura inaugural dessa continuidade, de levar a história “para frente”, continuar, compartilhar e entregar a figura de Moisés, que como aponta Crüsemann¹³ teve por Deus a Torá transmitida e pôde chegar a Israel por meio exclusivamente dele. Sem entrar nos detalhes do Moisés histórico, podemos destacar exclusivamente esse movimento, de repassar, mostrar etc. seria possível a interpretação de que algo da cultura judaica também influenciou a escrita de Anne Frank? Essa interessante pergunta pode nos ajudar a sustentar essa possível interpretação e abre espaço para outras e também outros pontos importantes, como: o que é necessário em um momento anterior a essa entrada cultural? Ou: como ela acontece? O que é necessário para que ele aconteça?

3 A quem contar? – O ponto de vista psicológico

Seguindo essa linha de raciocínio sobre a vivência cultural e sua importância, também como ela acontece em Anne Frank, temos com Figueiredo¹⁴ que a partilha cultural e o cuidado são atividades fundamentais para a vida em sociedade. Elas fazem parte da função do clínico, principalmente no que concerne o cuidado, com objetivos diretamente terapêuticos, mas também cabe a outros profissionais de saúde com as mesmas finalidades. Temos ainda um efeito parecido proporcionado por outras figuras ao desempenharem seus respectivos papéis de cuidado. Nesse sentido, para além de qualquer efeito ou busca terapêutica, sobre a entrada e compartilhamentos culturais existem, nas palavras do autor:

Há, por exemplo, procedimentos ritualizados de “salvação” que retiram o infante das trevas do não-ser para coloca-lo entre os vivos e humanos. Batizados e circuncisões, por exemplo, fazem parte deste arsenal. Ao longo da vida, outros rituais de passagens podem ser acionados para reposicionar o sujeito

¹³CRÜSEMANN, 2012

¹⁴ FIGUEIREDO, 2007



entre seus pares e semelhantes, sobre o mesmo solo e debaixo do mesmo céu (ou dos mesmos deuses) (...).¹⁵

Segundo Figueiredo¹⁶ tais procedimentos acontecem com o objetivo de proporcionar ao sujeito meios para que lhe “faça sentido” a própria existência e para que possa a partir disso direcioná-la. Figueiredo¹⁷ também cita os exemplos das cerimônias de Bar e Bat Mitzvah entre os judeus e a Primeira Comunhão entre os católicos como formalizações dessas passagens. Assim, além do papel simbólico e religioso de tais rituais eles permitem e contribuem no referido “fazer sentido” para os humanos. Ainda para Figueiredo¹⁸ fazer sentido, nesses termos significa: "(...) estabelecer ligações, dar forma, sequência e inteligibilidade aos acontecimentos (...).¹⁹ Implica também possibilitar a construção de uma experiência integrada e de integração. Seguindo nessa lógica, Figueiredo²⁰ nos alerta sobre o fato de que o citado movimento de "fazer sentido" nos aparece fazendo oposição ao que falha e ao que excede, ou se configura como falta apresentando o traumático com que a vida nos provoca. Lembrando que enquanto existência humana nada garante o encontro ou a correspondência entre: "nossos impulsos e desejos, de um lado, e seus objetos e condições de satisfação de outro; nem entre aquelas forças poderosas e insistentes e nossas capacidades de domínio e autodomínio".²¹

Essa discussão parece interessante para analisarmos o caso de Anne, mas é preciso dar um passo atrás uma vez que os mecanismos mencionados, em relação a cultura acontecem também no âmbito familiar. Nesse sentido, ainda com Figueiredo (nº) a figura do cuidador, que transmite a partir dos mecanismos pontuados a seu objeto de cuidado a capacidade de cuidar de si, desenvolvendo certas "capacidades cuidadoras". Agindo a partir de então ativamente em relação a seus processos, mesmo sem conhecimentos aprofundados deles.

Em referência à função da clínica psicanalítica, Roussillon²² aponta que seu objetivo é possibilitar e facilitar a integração de experiências subjetivas, visando segundo o

¹⁵ FIGUEIREDO, 2007, p. 14.

¹⁶ FIGUEIREDO, 2007.

¹⁷ FIGUEIREDO, 2007.

¹⁸ FIGUEIREDO, 2007.

¹⁹ FIGUEIREDO, 2007, p. 15.

²⁰ FIGUEIREDO, 2007.

²¹ FIGUEIREDO, 2007, p. 15-16.

²² ROUSSILLON, 2019.



autor: "(...) a apropriação subjetiva destas".²³ Isso denota a ocorrência de algo, alguns processos mínimos precisam acontecer para que os ditos processos de integração e subjetivação também possam se dar. A esse respeito Roussillon²⁴ desta as "Necessidades do Eu", noção presente em Winnicott, mas não desenvolvida teoricamente por ele até uma elevação a categoria de conceito. Nas palavras de Roussillon:

Se o motor da simbolização é a necessidade, diante da qual se encontra a psique humana, de metabolizar os movimentos pulsionais e os desejos que acompanham as suas experiências subjetivas para integrá-las, essa tarefa já pode se realizar sem que sejam fornecidos ao Eu os meios de realizar esse trabalho de integração. Essa integração não pode, com efeito, se efetuar de qualquer maneira e em qualquer contexto; um determinado número de condições deve atendido para que esse trabalho seja levado a cabo, e essas condições definem aquilo de que o Eu tem "necessidade" para um funcionamento de integração suficientemente bom.²⁵

Em face do exposto podemos concluir, segundo essa interpretação que Anne teve tais necessidades mínimas atendidas. Como apontado anteriormente, por seus encontros e cuidados familiares e culturais. Ao defender a hipótese de que Anne, a partir do que seu meio lhe propiciou pôde fazer uso das ferramentas que lhe foram oferecidas põe sobre ela um papel ativo. Fazendo uso do diário nesse processo de simbolização e integração através da escrita, criando um meio de apaziguamento de suas questões emocionais. Frente a um meio extremo e violento Anne inventa um amigo(a) (o diário) e faz com, e a partir dele um lugar. Um lugar intermediário, um terceiro posicionamento em oposição a dualidade dos "lugares" ou meios interno e externo, como aponta Winnicott²⁶. Por fim defendemos a ideia de que os meios familiares e cultural em sua relação com a apreensão deles deram a garota possibilidades para o enfrentamento de seu mal estar. Considerando o ambiente complicado, com uma serie de impedimentos, inclusive em relação a fala, fazendo do diário uma figura familiar, mas externa a família, servindo como meio de expressão de sua subjetividade.

²³ ROUSSILLON, 2019. p. 197.

²⁴ ROUSSILLON, 2019.

²⁵ ROUSSILLON, 2019, p. 198.

²⁶ WINNICOTT, 1975.



Referências

CRÛSEMAANN, Frank. Moises como instituição? A forma de organização do direito israelita. In:____. *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução de Haroldo Reimer. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 93-158.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *A metapsicologia do cuidado, Psyche*. São Paulo, ano 11, n. 21, p. 13-30, 2007.

FRANK, Otto; PRESSLER, Mirjam. *O diário de Anne Frank*. Tradução de Alves Calado, 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ROUSSILLON, René. As necessidades do Eu. In:____. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza. São Paulo: Blucher, 2019. p. 197-210.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência: narração da experiência. In:____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 23-44.

WINNICOTT, Donald. O lugar em que vivemos. In:____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 165-174.